

LITERATURA, BRINCADEIRAS E DIREITOS INFANTIS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

*Luciene Cléa Silva^{ID1}, Stéfane Barbosa de Lima^{ID2}
Viviane Roseti Schmitt^{ID3} e Gabriela de Souza Dantas^{ID4}*

Resumo

Contar e ouvir histórias possibilita a preservação e continuidade da memória cultural e afetiva do ser humano, além de ampliar o repertório linguístico e o compartilhamento de crenças, valores, conhecimentos e tradições acumulados por gerações e de assegurar os direitos das crianças à uma infância lúdica e potente. Assim, o texto em questão apresenta algumas ações realizadas no Projeto Histórias, Brincadeiras e Narrativas Infantis, as quais objetivaram compreender a literatura, a brincadeira e as narrativas infantis como elementos constituintes da cultura e essenciais para a educação infantil; desenvolver a linguagem por meio da contação de histórias e de brincadeiras, ampliando as possibilidades de socialização e construção do conhecimento e refletir sobre o acesso das crianças ao lúdico e às múltiplas linguagens como direitos assegurados à infância, especialmente à infância da América Latina e como elementos essenciais para o seu desenvolvimento integral. As ações aconteceram na Brinquedoteca aberta da UFMS, na Cidade Universitária de Campo Grande/MS, no período de agosto a dezembro de 2023, com crianças de dois a sete anos. Além de colaborar com o processo formativo das acadêmicas em questão, tais propostas contribuíram com o desenvolvimento das crianças de forma lúdica, ampliando as possibilidades de socialização e construção do conhecimento, investigando e ponderando acerca das contribuições da literatura e do brincar para a formação da criança e como um direito essencial para seu pleno desenvolvimento.

Palavras-chave: Narrativas; Ludicidade; Infância.

LITERATURE, PLAY AND CHILDREN'S RIGHTS: POSSIBLE DIALOGUES IN STORYTELLING

Abstract

Telling and listening to stories makes it possible to preserve and continue the cultural and affective memory of human beings, in addition to expanding the

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora Adjunta da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

²Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora na rede municipal de ensino de Campo Grande/MS.

³Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora na rede particular de ensino de Campo Grande/MS.

⁴Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora na rede municipal de ensino de Campo Grande/MS.



linguistic repertoire and sharing beliefs, values, knowledge and traditions accumulated over generations and ensuring children's rights to a playful and fun childhood. powerful. Thus, the text in question presents some actions carried out in the Children's Stories, Games and Narratives Project, which aimed to understand children's literature, games and narratives as constituent elements of culture and essential for early childhood education; developing language through storytelling and games, expanding the possibilities of socialization and construction of knowledge and reflecting on children's access to play and multiple languages as rights guaranteed to childhood, especially to childhood in Latin America and as elements essential for their integral development. The actions took place at the UFMS Open Toy Library, in the University City of Campo Grande/MS, from August to December 2023, with children aged two to seven years old. In addition to collaborating with the training process of the academics in question, such proposals contributed to the development of children in a playful way, expanding the possibilities of socialization and construction of knowledge, investigating and considering the contributions of literature and play to the child's education. and as an essential right for its full development.

Keywords: Narratives; Playfulness; Infancy.

1. Introdução

O presente artigo traz um recorte do projeto de extensão "Histórias, Brincadeiras e Narrativas Infantis", desenvolvido na Brinquedoteca aberta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, na Cidade Universitária de Campo Grande/MS, desde 2021. A Brinquedoteca caracteriza-se por um espaço criado para atender as crianças, filhas de docentes, acadêmicos e servidores da universidade, e também funciona como uma unidade de apoio à formação acadêmica, por isso está aberta para a realização de ações de ensino, pesquisa e extensão dos diversos cursos da UFMS.

As ações aqui apresentadas foram desenvolvidas com o intuito de constituir e expandir o conhecimento junto aos discentes que compuseram o projeto, no período de agosto a dezembro de 2023, com crianças de 2 a 7 anos, nos períodos matutino e vespertino, de segunda a quinta-feira.

O projeto trouxe como objetivos compreender a literatura, a brincadeira e as narrativas infantis como elementos constituintes da cultura e essenciais para a educação infantil; desenvolver a linguagem por meio da contação de histórias e de brincadeiras, ampliando as possibilidades de socialização e construção do conhecimento e refletir sobre o acesso das crianças ao lúdico e às múltiplas linguagens como direitos assegurados à infância, especialmente à infância da América Latina e como elementos essenciais para o seu desenvolvimento integral.

Contar histórias é uma das artes mais antigas que existe. A tradição de reunir pessoas para que histórias sejam partilhadas caracteriza-se pela cultura da tradição oral, assim passada de uma geração para outra. Além de preservar e possibilitar a continuidade da memória cultural e afetiva do ser humano, o ato



de contar histórias desperta a criatividade, a imaginação, o lúdico, a ampliação do repertório linguístico, o gosto e o interesse pela leitura.

Abramovich ressalta que “[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...]. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo” (1989, p.16). Assim, o contato das crianças com as histórias e todo o imaginário que elas afloram é essencial para o seu desenvolvimento integral.

A responsabilidade de assegurar o desenvolvimento integral das crianças perpassa por diversas instâncias, tais como a família, escola, a sociedade e o poder público, haja vista que no Brasil, desde a Constituição Federal (1988), é direito de todos o acesso a uma escola laica, gratuita e de qualidade, sendo a criança considerada como um ser de direitos, mediante o que propõe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e outros documentos, como no Artigo 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) que apresenta a criança como:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009).

As discussões sobre os direitos das crianças e o desenvolvimento de práticas que as tratem como um ser com potencial para criar, brincar, encantarse, questionar, construir, reconstruir, aprender e ensinar vem acontecendo no Brasil, por meio de estudos, reflexões e a elaboração de políticas públicas e também tem ocorrido por meio do diálogo com discussões e documentos internacionais, como por exemplo, aqueles que envolvem o compromisso de países latino-americanos com o cumprimento de tratados internacionais sobre os direitos humanos, os quais reconhecem a necessidade de garantir saúde, educação, alimentação e demais direitos sociais a todo indivíduo, desde o seu nascimento.

Este compromisso internacional que busca assegurar os direitos da infância na América Latina apresenta sua trajetória iniciada no século XX, a partir da Declaração de Genebra, em 1924, defendendo os Direitos da Criança. Assim como por meio de outros movimentos que fortaleceram a elaboração de documentos internacionais, quais sejam: a Declaração Universal dos Direitos da Criança, proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1959, organizada na Assembleia Geral das Nações Unidas. A Convenção sobre os Direitos das Crianças, organizada pela ONU, em 1989. A Conferência Mundial de Educação para Todos, organizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizada em 1990, em Jomtien, na Tailândia, que resultou na Declaração Mundial sobre a Educação para Todos, momento em que os países latino-americanos assumiram o compromisso de atender às necessidades básicas de aprendizagem das crianças, dos jovens e



adultos, na intenção de erradicar o analfabetismo e universalizar o acesso da infância à educação.

Decorridos dez anos da Declaração Mundial sobre a Educação para Todos (1990), a UNESCO promoveu, em todos os países, um amplo processo de acompanhamento e verificação do cumprimento das metas propostas até então, e em 2000 consolidou o Marco de Dakar para a Educação, reforçando o compromisso coletivo.

Esse processo compreendeu primeiramente a avaliação feita em cada país, seguida no continente por uma conferência preparatória (Conferência Regional de Educação para Todos nas Américas, República Dominicana, fevereiro de 2000) e, finalmente, pela convocação do Fórum Mundial sobre Educação de Dakar em abril de 2000 (Unesco, 2001, p.5).

As discussões e ações desencadeadas por todo este processo movimentaram o início do século XXI, pois a busca pela universalização da educação acontecia em âmbito mundial e, no Brasil, coincidiu com a aprovação do Plano Nacional de Educação, o que também promoveu a elaboração dos planos decenais estaduais e municipais de educação, estabelecendo as diretrizes, estratégias e metas para a política educacional, no período entre 2014 e 2024.

Nos anos subsequentes outros marcos podem ser destacados como importantes na consolidação de propostas e estratégias que colocam a educação da infância em seu cerne, tais como: a elaboração do documento Educação e Cuidado na Primeira Infância: grandes desafios, orientada pela UNESCO, em 2002; a elaboração do relatório: Um mundo para as crianças: Relatório do Comitê Ad Hoc Pleno da vigésima sétima sessão especial da Assembleia Geral da ONU, ocorrido em 2002; a realização da Conferência Mundial sobre Educação e Cuidado na Primeira Infância: Marco de Ação e de Cooperação, ocorrida em Moscou, em 2010; dentre outros, os quais não serão detalhados nesta discussão, mas podem ser consultados em Bortot e Lara (2019) ou no banco de dados da ONU e da UNESCO.

Apesar de todos estes movimentos e marcos legais que trazem a educação para a infância como um direito, ainda há muitas fragilidades e desafios a serem discutidos entre os países da América Latina, principalmente se considerarmos o desenvolvimento de habilidades voltadas à leitura e escrita, além do contato com as múltiplas linguagens que podem contribuir com o desenvolvimento integral das crianças.

Assim, consideramos que o ato de contar histórias possibilita ao indivíduo e, especialmente às crianças, uma aprendizagem ampla e significativa através da ludicidade. Contemplando o que os Referenciais Curriculares da Educação Infantil (1998) destacam como necessário para o “[...] desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis” (Brasil, 1998, p.23).



Desta forma, esta discussão apresenta algumas ações que buscaram proporcionar espaços para contação de histórias e brincadeiras, despertando o lúdico, a imaginação, o gosto pela leitura e a valorização das narrativas infantis.

Assim, conduzimos nossa reflexão destacando o embasamento teórico que subsidiou as ações do projeto e reforçando a relevância da leitura para a formação cultural da criança e do adulto. Em seguida, avaliamos o papel do planejamento pedagógico na contação de histórias, ressaltando como a atividade do educador, mesmo que num espaço de educação não formal como a Brinquedoteca, precisa ser dotada de intencionalidade e criticidade.

Além disso, refletimos sobre como as experiências vivenciadas pelas crianças formam o seu desenvolvimento dentro de uma cultura, evidenciando o papel fundamental da ludicidade na sua formação como indivíduo, que no contexto da contação de histórias, é o fator que permite à criança imaginar mundos, personagens, características e sentimentos a partir das palavras, imagens, entonações e gestos, além de buscar soluções para questões cotidianas, ampliando seu repertório linguístico, crítico e criativo. Podendo a partir dessas relações conhecer e aprender de forma ampla e significativa.

Finalmente, discutimos sobre como há distintos meios de contar histórias, perpassando por segmentos que extravasam apenas os materiais literários físicos. A partir destas variações, trabalhamos o senso cognitivo e intelectual das crianças de faixa etária de dois a sete anos, explorando, por meio das ações lúdicas, a interação, a cooperação e a autonomia da infância.

Por meio do uso de materiais e explorações sensoriais que vão além da contação, enfatizamos como a leitura pode ser algo prazeroso e íntimo para a criança, que a história não deve estar limitada ao contexto das páginas do livro, mas sim permear um imaginário abrangente, que enriquece a formação cultural do indivíduo e expande seu potencial de aprendizado e o seu direito de ser e viver a infância.

2. Contar e ouvir histórias: o diálogo com alguns teóricos

Contar e ouvir histórias possibilita a preservação e continuidade da memória cultural e afetiva do ser humano, além de ampliar o repertório linguístico e o compartilhamento de crenças, valores, conhecimentos e tradições acumulados por gerações. Por meio destas práticas, as crianças podem expressar suas percepções sobre o mundo que as cerca, ampliar seu processo criativo e desnudar um campo de possibilidades que contemple desde a resolução de conflitos presentes nos enredos das histórias, a busca de ideias para solucionar problemas, que podem ter relação com suas vivências, ou apenas o deleite do momento e das interações que a literatura infantil oferece.

Proporcionar o contato com o lúdico e o faz de conta por meio de histórias e brincadeiras é permitir às crianças que ousem e abusem da imaginação, criatividade e se deixem levar pelos mais diversos sentimentos. Pois desta forma vivenciam momentos de prazer, descobertas, inquietações, podem sentir medo ou insegurança, ou sentir-se livres e com autonomia para resolver determinadas



situações, atribuindo significados diversos às muitas relações ocorridas em seu cotidiano, as quais constituem a cultura e essência infantil. Dessa forma:

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatralizar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto criar asas e estimular a aprendizagem (Abramovich 1989, p. 23).

Assim, por meio destas muitas interações e do despertar lúdico as crianças aprendem, divertem-se e constituem sua identidade. Esse processo permite que a socialização, ocorrida de diferentes formas, estimule a superação de dificuldades, a compreensão de regras e a relação constante do ser criança, ressaltando a necessidade de que “[...] é preciso considerar a infância como uma condição de ser criança” (Kuhlmann Jr., 1998, p. 15).

Ao considerar esta condição do ser criança, ressaltamos as primeiras discussões de Ariès (1981), o qual destaca que o sentimento de infância surge apenas na Modernidade, representado pela “[...] consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem” (Ariès, 1981. p. 156). Até então a criança era vista como um adulto em miniatura, sem que suas especificidades fossem consideradas.

Um sentimento que sofre alterações com o passar do tempo e no diálogo com Kramer (1999) não representa um fato natural do ser criança, pois ao caracterizar-se como um elemento que evolui na história das sociedades, evidencia que “[...] o olhar sobre a criança e sua valorização na sociedade não ocorreram sempre da mesma maneira, mas, sim, de acordo com a organização de cada sociedade e as estruturas econômicas e sociais em vigor” (Kramer, 1999, p. 244).

Desta forma, ao olhar para as crianças que temos hoje em nossa sociedade é preciso considerar todo o processo de transformação histórica, cultural e social do qual elas fazem parte e ponderar, especialmente, acerca das possibilidades de reencontrar as infâncias, atentar-se de forma mais sensível para as narrativas destas crianças e para as suas potencialidades, as quais, muitas vezes ficam escondidas por trás das telas de celulares, TVs ou computadores, o que faz com o que o interesse por outras formas de interação diminua.

Esta ação de retomar as infâncias e valorizar suas culturas pode ser viabilizada nos momentos de contação de histórias, nas brincadeiras e pela escuta sensível e atenta às narrativas infantis. Para Kishimoto (2002) quando a criança brinca, externa toda sua espontaneidade diante da exploração livre do momento, experimenta, cria, imagina e constrói, sem se preocupar com o resultado daquele ato. Estabelece momentos de prazer, motivação e, “[...] por ser uma ação iniciada e mantida pela criança, a brincadeira possibilita a busca de meios, pela exploração ainda que desordenada, e exerce papel fundamental na construção de saber fazer” (Kishimoto, 2002, p.146).



Exploração que leva a criança a relacionar-se com o seu entorno, com as pessoas que a cercam, com a cultura da qual faz parte, compreendendo e expressando tudo isso de diversas formas, por meio de variadas linguagens (Kishimoto, 2010), seja pela palavra, gestos, imitações, desenhos, pinturas, ou por outras formas, as quais são linguagens que caracterizam a expressão lúdica da criança e possibilitam maior autonomia na construção do saber fazer, em seu desenvolvimento e na aprendizagem. Pois,

[...] é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver (Kishimoto, 2010, p. 1).

Assim, proporcionar espaços e momentos de contação de histórias, interações por meio de brincadeiras e possibilidades múltiplas de trocas e estímulos às narrativas infantis permite que as crianças produzam e ampliem saberes a partir das vivências com seus pares, com os adultos e retratem em suas interlocuções, ou narrativas, suas formas de ser e de aprender, evidenciando de forma lúdica, a constituição das culturas infantis, uma vez que as crianças são “[...] agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas” (Corsaro, 2011, p.15,19).

Desta forma, ao organizar os momentos de contação de histórias e brincadeiras, pensar nos espaços, tempos, nas possibilidades de trocas e aprendizagens, na escuta sensível e no olhar atento para o que tais práticas promoverão, dialogamos com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) na busca de incentivar as interações, a curiosidade, exploração e o encantamento, pois:

Art. 9º - As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeiras [...] (*de forma que*) [...] Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; [...] (Brasil, 2010, p. 24) (grifo nosso).

Considera-se assim, que este contato com as narrativas, histórias infantis e as interações mediadas pelas múltiplas linguagens está diretamente relacionado ao lúdico, ao desenvolvimento das brincadeiras e à construção do conhecimento. Momento em que olhar, atentar-se e escutar o que as crianças têm a dizer pode significar muito mais do que “falar” ou “explicar” (Rinaldi), desta forma:



Escutar significa estar aberto aos outros e ao que eles têm a dizer, ouvindo as cem (e mais) linguagens com todos os nossos sentidos. Escutar é um verbo ativo, pois significa não só gravar uma mensagem, mas interpretá-la, e essa mensagem adquire sentido no momento em que o ouvinte a recebe e a avalia (Rinaldi, 2017, p. 227-228).

Desta forma, ouvir as narrativas infantis, oriundas dos momentos de contação de histórias, das brincadeiras e dos demais momentos de interação que este projeto pode oferecer, configura-se como uma proposta de construção de significados para as aprendizagens de crianças e adultos, promovendo experiências que acolham, reconheçam as culturas e vivências infantis, incentivem o brincar, o questionar, o faz de conta e as muitas possibilidades de ser, viver e reconhecer a infância.

3. Metodologia

As ações desenvolvidas no projeto Histórias, Brincadeiras e Narrativas Infantis estruturaram-se de diversas formas, dentre elas estudos teóricos e reflexões coletivas acerca de temas sobre a infância, a literatura e as narrativas infantis, seleção e leitura de obras literárias, busca e organização de repertórios de brincadeiras, o contato, aproximação e conhecimento das crianças participantes da Brinquedoteca, organização do planejamento, preparação dos espaços para as interações e dos materiais necessários. Participação em reuniões de estudo, orientação e avaliação do que foi realizado, para que assim, novas propostas fossem estruturadas.

Para o planejamento, a proposta inicial partia da intencionalidade e da seleção de uma história, que poderia ser lida com o auxílio de um livro físico, fantoches, palitoches ou outros objetos, podendo ainda ser uma história cantada ou contada, com uma entonação diferenciada da voz, em espaços previamente organizados para acolher as crianças, despertar o imaginário infantil e a interação significativa com o momento literário.

A intencionalidade presente na escolha da obra literária também se estende para o momento da contação e para o que acontece na sequência, com a proposição de brincadeiras, interações lúdicas e atividade artísticas, contemplando o desenvolvimento das múltiplas linguagens infantis, por meio dos temas abordados nos momentos de contação.

As ações do projeto aconteceram duas vezes por semana, no período vespertino, com grupos de crianças de cinco a sete anos e grupos de dois a quatro anos. Estes encontros foram marcados por uma tímida aproximação entre acadêmicas e crianças, mas com o passar dos dias as propostas se tornaram mais descontraídas, com trocas muito singulares entre crianças, crianças e adultos e entre os próprios adultos.

Assim, além da organização dos planejamentos ocorrer em encontros quinzenais, também escolhíamos este espaço para trocar as experiências, verificar o que precisava ser reconduzido e reforçar o que havia sido exitoso, ou



seja repensar e avaliar o processo também foi algo presente em nossas ações. Sendo assim, destacamos um recorte de nossas ações para dar seguimento a esta discussão.

4. Resultados e discussões

Narrar e escutar narrativas viabiliza a manutenção e perpetuação da memória cultural e emocional dos indivíduos, enquanto também enriquece o vocabulário e promove a partilha de crenças, valores, saberes e tradições compartilhados ao longo das gerações, contribuindo assim para a educação da infância.

Segundo Almeida (2017), a contação de histórias é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento da leitura, escrita e criticidade das crianças, auxiliando também na formação cognitiva, ética, social e moral. Oliveira (2010) ressalta como o conjunto de experiências vivenciadas pelas crianças formam e desenvolvem seu repertório cultural.

A criança, centro do planejamento curricular, é considerada um sujeito histórico e de direitos. Ela se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere (Oliveira, 2010, p. 5).

Por isso, consideramos crucial que as crianças tenham contato com a literatura e os diversos gêneros textuais desde os primeiros anos, a fim de desenvolver o hábito da leitura, a curiosidade pela escrita, o anseio por conhecer diferentes histórias que permeiam o universo infantil, a possibilidade de ampliar seus repertórios linguísticos, culturais e criativos e, para que assim se tornem crianças leitoras das muitas realidades em que se inserem, ampliando a visão que constituem sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesmas.

Neste sentido, quanto mais cedo a criança for inserida no mundo literário, mais rápido desenvolverá o apreço pela leitura. As contações de histórias não só encantam as crianças pelos contos de fadas, de super-heróis ou vilões, mas são ferramentas importantes na formação dos indivíduos, pela necessidade de despertar a curiosidade e imaginação de cada um. Almeida (2017) destaca a importância pedagógica da contação de histórias, principalmente, como um meio prazeroso de construir conhecimentos em diversas áreas, pois

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica [...]. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula porque se tiver deixa de ser literatura (Abramovich, 1994, p.17).

Atentar-se para a criação de ambientes e oportunidades ímpares de contar histórias, realizar ações lúdicas e promover a criatividade e o lazer infantil tem uma conexão relevante com o desenvolvimento integral das crianças e seus direitos de viver a infância. Ao proporcionar interações entre crianças e adultos,



e ao valorizar a escuta atenta e o envolvimento nas narrativas infantis, estamos cultivando não apenas o desenvolvimento individual da criança, mas também enriquecendo suas relações interpessoais e seu repertório cultural.

A reflexão de Fusari (1998), sobre o planejamento escolar, é bem aplicada ao contexto, uma vez que mesmo sendo um espaço de educação não formal, a contação de histórias oportuniza um aprendizado significativo para as crianças.

Pode-se, pois, afirmar que o planejamento do ensino é o processo de pensar, de forma "radical", "rigorosa" e "de conjunto", os problemas da educação escolar, no processo ensino-aprendizagem. Consequentemente, planejamento do ensino é algo muito mais amplo e abrange a elaboração, execução e avaliação de planos de ensino. O planejamento, nesta perspectiva, é, acima de tudo, uma atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente (Fusari, 1998, p. 45).

O planejamento para contar histórias às crianças vai além de simplesmente abrir o livro e lê-lo. Envolve uma abordagem que estimula a participação ativa das crianças, permitindo que elas criem a partir da história, questionem o enredo, representem trechos do texto, usem recursos e elementos que as representem na história e estejam engajadas às propostas, resultando em uma aprendizagem significativa por meio da leitura. Conforme relata o autor Sisto (2005), citado por Jambersi (2022):

Quem conta a história tem que estar disposto a criar uma cumplicidade entre história e ouvinte se envolver e criar (cujos) espaços dentro de uma narrativa podem ser construídos pelas pausas, silêncio, ações, gestos e expressões de forma harmônica. (Jamabersi, 2022, *apud* Sisto, 2005, p. 85).

Nesse contexto, o projeto de contação de histórias e narrativas infantis proporcionou uma experiência enriquecedora para as crianças de dois a quatro anos, na qual propôs a leitura da história "O Grande Rabanete", de Tatiana Belinky (2002). As crianças interagiram com a história, fizeram inferências sobre os personagens e as pessoas próximas a si, repetiram a história ao manusearem o livro e a partir da proposição do contato com o rabanete e, neste contexto com outros elementos que também poderiam fazer parte da horta do vovô, experimentaram o rabanete, manusearam a beterraba, comeram beterraba cozida e ralada, saborearam a gelatina de beterraba e se divertiram com a extração de tinta natural do alimento e a pintura no papel.

Além disso, no decorrer do projeto, as crianças participaram de atividades como desenhar a história ouvida, explorar narrativas com músicas, cultivo de plantas, brincadeiras, modelagem em argila, jogos, encenação das etapas da história contada e busca de elementos fora da brinquedoteca. Assim como é possível observar em algumas imagens registradas durante os encontros:



Imagen 1: Experimentando o rabanete e a beterraba.**Fonte:** acervo do Projeto.**Imagen 2: Pintura com tinta de beterraba.****Fonte:** acervo do Projeto.

Segundo Vygotsky (1998), é por intermédio da atividade lúdica que a criança aprende e se prepara para a vida, sendo capaz de desenvolver capacidades importantes como atenção, memória, imaginação, afetividade, inteligência, entre outras habilidades.

Portanto, ao proporcionar momentos de contação de histórias na Brinquedoteca, o projeto Histórias, Brincadeiras e Narrativas Infantis possibilita o contato com a literatura, com o lúdico, o imaginário e as muitas formas de viver a infância e de aprender com ela. Para Almeida (2017) o enriquecimento da experiência durante a contação de histórias é fundamental.

Neste processo de descoberta da literatura e de todo o seu mundo mágico, é vital que o adulto deixe que a criança sinta o livro, as suas páginas, e deslumbe as suas figuras com o toque, o folheie o quanto quiser, para que o contato dela com o livro se torne o mais íntimo possível, isso de acordo com o tempo de cada criança, pois a leitura não deve ser algo penoso e sim prazeroso para ela (Almeida, 2017, p. 3821).

Durante os encontros na Brinquedoteca foi possível observar a curiosidade e as expectativas das crianças ao participarem das ações. Os olhinhos atentos e brilhantes, os sorrisos encantadores, as distintas formas de acolher, perguntar e querer mais. Elas demonstram alegria e vontade de interagir, falar, ler e reler as histórias, evidenciando deleite diante das interações propostas. Assim, é possível dialogar com Jambersi (2012, p. 20), por destacar que “a arte de contar histórias é uma experiência múltipla de significação e sentidos tanto para o narrador quanto para o ouvinte”.

As práticas propostas em todo o projeto buscaram muito mais do que contar histórias e propor ações lúdica, foram respaldadas pela perspectiva de enxergar as crianças como autoras de suas próprias histórias, pois a infância é uma fase de exploração dos sentidos, na qual a criança se sente estimulada a investigar suas ações a partir de sua curiosidade e também propor caminhos para suas inquietações, criando novos enredos, imaginando personagens, encarando outros desafios e assim potencializando o seu processo criativo.



Nas propostas desenvolvidas ao longo do projeto, apoiamo-nos em diferentes maneiras de contar histórias, desvinculadas exclusivamente da prática literária física, ou seja, do uso de livros em formato físico, pois buscamos alternativas por meio da oralidade com o auxílio de recursos sonoros, físicos, artísticos, permitindo que as crianças pudessem contar e recontar histórias de sua autoria, colocando em evidência a sua autonomia.

Exploramos recursos naturais no ambiente externo da Brinquedoteca, entrando em contato com a natureza, a água, a terra e as pinhas, elementos presentes no entorno da Brinquedoteca e que muito contribuíram para o desenvolvimento de ações lúdicas, curiosas e prazerosas.

Imagem 3: Brincadeiras com recursos naturais



Fonte: acervo do Projeto.

Imagem 4: Brincadeira com água mágica e brinquedos.



Fonte: acervo do Projeto.

Por meio destas interações foi possível observar a criatividade e autonomia de cada criança à medida em que escolhia um material para observar e utilizá-lo como personagem ou objeto presente em seu enredo histórico. Também foi possível ampliar nosso olhar na perspectiva de convivermos com autores potenciais de suas próprias histórias e com isso destacarmos como a leitura é fundamental para a formação da cultura da criança, que segundo Sarmento (2005) é “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e ideias que as crianças produzem e partilham em interação com os seus pares” (Corsaro; Eder, 1990, *apud* Sarmento, 2005, p. 373).

Assim, com o enfoque na contação de histórias de maneira lúdica, que ultrapassa os limites das páginas e se enriquece com as trocas, interlocuções, entonações, gestos, interpretações, experiências e atividades ao ar livre e em espaços diversos, ressaltamos que o resultado é uma prazerosa vivência que alia o bem estar da criança com os objetivos pedagógicos do projeto e com o compromisso em assegurar o direito das crianças diante das suas possibilidades de conhecer, criar, ampliar repertórios e viver sua cultura e infância de forma digna, respeitosa e potente.



5. Considerações finais

Refletir sobre a contação de histórias, as brincadeiras e o desenvolvimento literário, cultural, emocional e criativo das crianças nos fez compreender a possibilidade de diálogo entre estas instâncias e o direito das crianças a uma infância lúdica, diante de práticas educativas que podem acontecer dentro das escolas ou em ambientes não escolares, como no caso da Brinquedoteca aberta da UFMS.

As ações desenvolvidas pelo Projeto Histórias, Brincadeiras e Narrativas Infantis possibilitaram a proximidade de narradores e ouvintes, de histórias, descobertas e muitas aprendizagens, reforçando o vínculo entre crianças, leituras, culturas e o universo mágico da imaginação, pois é por meio das interações lúdicas que o indivíduo (seja ele criança ou adulto) pode aprender sobre ele e o outro, compreendendo a sociedade da qual faz parte e as muitas relações que configuram o seu dia a dia.

Desta forma, as ações aqui apresentadas buscaram, além de colaborar com o processo formativo das acadêmicas em questão, promover momentos de contação de histórias e brincadeiras que despertaram o lúdico, a imaginação, o gosto pela leitura e a valorização das narrativas infantis, além de contribuir com o desenvolvimento integral das crianças de forma lúdica, ampliando as possibilidades de socialização e construção do conhecimento, com a finalidade de investigar e ponderar acerca das contribuições da literatura e do brincar para a formação da criança e como um direito essencial para seu pleno desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

ALMEIDA, Valquíria Dias de; ALMEIDA. Marcelle Bittencourt Xavier; LIMA. Marcus Antônio Assis; CARVALHO, Francisco dos Santos. A importância da literatura infantil para a formação e o desenvolvimento do senso crítico das crianças. Seminário Gepráxis. **Anais...** Vitória da Conquista- Bahia - Brasil. v. 6, n. 6. 2017.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BORTOT, Camila Maria; LARA, Ângela Mara de Barros. As políticas de Educação e Cuidados na Primeira Infância para a América Latina: intencionalidades e encaminhamentos na proposta da UNESCO. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 3, p. 1767-1781, out., 2019.



BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constiticao/constituicao.htm. Acesso em: jan. 2024.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CORSARO, Willian. **Sociologia da Infância.** Porto Alegre: Artemed, 2011.

FUSARI, José Cerchi. **O Planejamento do Trabalho Pedagógico:** Algumas Indagações e Tentativas de Respostas. Série Ideias no. 8. São Paulo: FDE, 1998.

JAMBERSI, Belissa do Pinho. **A Arte de Contar Histórias na Sala de Aula.** In: ARCE, Alessandra (Org.). O trabalho pedagógico com crianças de até três anos. 2ª ed. Campinas: Alínea, 2022.

KISHIMOTO, Tizuko Morschida. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morschida. Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. **Anais do I Seminário Nacional:** Currículo Em Movimento. Belo Horizonte: Perspectivas Atuais, 2010.

KRAMER, Sônia. **Infância e produção cultural.** Campinas: Papirus, 1999.

KUHLMANN JR., Moyses. **Infância e educação infantil:** uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação.1998.

OLIVEIRA, Zulma Maria. **O currículo na educação infantil:** o que propõem as novas diretrizes nacionais? FFCLRP-USP e ISE Vera Cruz. São Paulo. 2010.

ONU. **Declaração dos Direitos da Criança.** Proclamada pela Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas n.º 1386 (XIV), de 20 de novembro de 1959.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia:** escutar, investigar e aprender. Tradução: Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Campinas.



UNESCO. **Educação para Todos:** o compromisso de Dakar. Brasília: UNESCO, CONSED. Ação Educativa, 2001.

UNESCO; OCDE. **Educação e Cuidado na Primeira Infância:** grandes desafios. Brasília: UNESCO; OCDE; Ministério da Saúde, 2002.

VIGOTSKI, Lev. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

Recebido em: 21 de maio de 2024.
Aceito em: 08 de setembro de 2024.
Publicado em: 30 de outubro de 2024.

